

Resumo: *Como sempre, o lema das Campanhas da Fraternidade, de embaçamento bíblico, é inspirador. Não é diferente o lema deste ano, tirado de Mc 10,45: Eu vim para servir, certamente um dos mais sucintos resumos da missão do Senhor e, ipso facto, da sua Igreja. O texto marcado é de tanta relevância, que vem reproduzido por Mateus, num contexto semelhante ao de Marcos, e por Lucas e por João, no contexto da Ceia. O artigo examina os quatro contextos, procurando destacar as peculiaridades de cada evangelista, todas convergindo para a importância capital da atitude diaconal do serviço, que Jesus espera da sua Igreja e de cada um dos seus discípulos.*

Abstract: *As always, the motto of the Campanha da Fraternidade, is based on the biblical text and is quite suggestive. Not differently this year, the motto is drawn from the Gospel of Marc: "I came to be of service" (Mc 10,45). To be sure, it is one of the most succinct references to the mission of the Lord, and ipso facto, of his Church. In fact, this text from St. Marc is most relevant and is quoted by St. Matthew in a similar context, and it is also inserted in the scene of the Last Supper, as can be seen in the Gospel of St. Luke and St. John. This article examines the four contexts trying to lay stress on the peculiarities of each evangelist and attempts to single out the convergence on the most important attitude of rendering service deaconlike to one another, which Jesus expects from his Church and from each of his disciples.*

Eu vim para servir (Mc 10,45)

Lema da CF-2015: Missão de Jesus e missão da Igreja

*Ney Brasil Pereira**

* O autor, presbítero da Arquidiocese de Florianópolis, é Mestre em Ciências Bíblicas, ex-membro da Pontifícia Comissão Bíblica e Professor emérito da FACASC/ITESC.



Introdução

Como sempre, o lema das Campanhas da Fraternidade, de embaçamento bíblico, é inspirador. Não é diferente o lema deste ano, tirado de Mc 10,45: *Eu vim para servir*, certamente um dos mais sucintos resumos da missão do Senhor e, ipso facto, da sua Igreja. O texto marcano é de tanta relevância, que vem reproduzido por Mateus (Mt 20,28), num contexto semelhante ao de Marcos, e por Lucas (Lc 22,26-27) e por João (Jo 13,12-17), no contexto da Ceia. Mas há uma observação importante a fazer: esta afirmação de Jesus, em primeira pessoa, não se encontra literalmente em nenhum dos quatro textos citados! Em Marcos, como em Mateus, ela aparece na terceira pessoa, e o sujeito da frase é “o Filho do Homem”, o misterioso personagem apocalíptico de Daniel 7, cuja identidade Jesus assume numa série de textos, tanto nos sinóticos como em João.

Chama a atenção o fato de que a afirmação de Mc 10,45, com seu paralelo mateano, é um verdadeiro paradoxo, pois o Filho do Homem, em Dn 7,14, vem “entre as nuvens do céu”... “para ser servido”, “por povos, nações e línguas”, enquanto a palavra de Jesus diz expressamente que “o Filho do Homem – com o qual ele se identifica – não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida...”

Vê-se, portanto, que este lema da CF-2015 merece um aprofundamento. Como o texto-base não o faz, certamente por razões de espaço, dedicando-lhe apenas duas páginas, sob o título “Jesus e a lógica do serviço”¹, este artigo se propõe a fazê-lo, examinando o texto em cada um dos quatro evangelhos.

1 No contexto de Marcos

Como observa Soares², começando seu comentário à perícopre de Mc 10,35-40,

¹ CNBB. *Campanha da Fraternidade 2015: Manual*. Brasília: Edições CNBB, 2014, pp. 46-47.

² SOARES, Armando Gameleira; CORREIA JUNIOR, João Luiz; OLIVA, José Raimundo. *Evangelho de Marcos*. Col. Comentário Bíblico Latinoamericano, Novo Testamento. São Paulo: Fonte Editorial, 2012, p. 330.



após cada um dos três “anúncios da paixão”, é introduzida a proposta da renúncia à aspiração ao poder, assumindo-se a prática do serviço. Particularmente, após o terceiro “anúncio”, tal proposta é introduzida a partir da manifestação da aspiração ao poder da parte de dois discípulos, provocando a indignação, por despeito, dos outros. Marcos insiste em remover a característica de poder atribuída a Jesus, acentuando que a sua opção fundamental é pelo dom da vida no serviço aos mais necessitados e carentes. A perícopes revela a persistente incompreensão dos discípulos, oriundos do judaísmo, quanto à verdadeira identidade de Jesus, de seu ministério e de seu anúncio.

O texto paralelo de Mateus (20,20-23) atribui o pedido à mãe dos dois, provavelmente para amenizar a sua pretensão equivocada. Isto, coerente com o retrato positivo que Mateus costuma apresentar dos discípulos, diferentemente de Marcos, que não esconde os defeitos dos Doze e a constante dificuldade deles em compreender o Mestre.

Cito ainda Soares:

O desejo dos dois discípulos de estarem “à direita e à esquerda”, no almejado momento da glória (v. 37), está em contradição com a realidade, no momento da cruz, quando quem vai estar à direita e à esquerda de Jesus são dois revoltosos³ condenados (15,27)... O fundamento desta manifestação do desejo ambicioso dos discípulos é a maneira como viam Jesus: como o messias davidico que, com poder, restauraria o reino de Israel. Os discípulos merecem a repreensão do Mestre: não sabem o que estão pedindo (v.38). Contudo, bem sabem como agem os poderosos e, possuídos pela ideologia dominante, desejam identificar-se com eles⁴...

Quanto às metáforas do “cálice” a ser bebido e do “batismo” com o qual ser batizado, Soares propõe uma interpretação diferente da usual, apoiando-se no tempo presente dos verbos utilizados por Jesus em Marcos, diferentemente do tempo futuro utilizado em Mateus quanto ao cálice⁵. Não temos aqui o espaço para discutir a longa e bem fundamentada, embora discutível, posição do comentarista⁶. Mas cito, para aguçar a curiosidade do leitor, a sua conclusão:

³ Em gr. *lestai*, traduzido na Vg como *latrones*, ladrões.

⁴ SOARES, *ibid.*, pp. 330-331.

⁵ Mateus omite a referência ao batismo, a qual vai aparecer em Lucas, em outro contexto (Lc 12,50).

⁶ SOARES, *ibid.*, pp. 331-334.



Quando, nas duas afirmações, se vê nas traduções a mudança do tempo presente dos verbos beber e batizar para o tempo futuro, percebe-se a profunda influência da tradição cristã milenar, que induz a minimizar os traços da humanidade de Jesus, transformando-o no messias glorioso ressuscitado. Com esta mudança do tempo verbal, Jesus não está mais falando daquilo que está vivendo entre as multidões de excluídos, libertação e comunhão de vida, mas estaria⁷ falando da sua paixão que o espera em Jerusalém, e que será seguida da gloriosa ressurreição, “situando-se acima de todo principado e poder e soberania...” (Ef 1,20-23). Dois enfoques diferentes se apresentam. Por um lado, o batismo de João, compromisso com a justiça; e o cálice da alegria do convívio com Jesus e da comunhão com os irmãos, no serviço e no pleno amor. [...] Por outro lado, o cálice do sofrimento e o batismo na morte, pelo que se merece a ressurreição, núcleo central da teologia paulina. Esta segunda interpretação segue a teologia deuteronomista do Primeiro Testamento: eleição e aliança, pecado, castigo de Deus e sofrimento, arrependimento, reconciliação e glória. Pelo sofrimento, a glória e o poder...⁸.

Quanto à indignação dos outros dez contra a pretensão de Tiago e João (v. 41 de Mc, seguido literalmente por Mt), chama a atenção a dolorosa ironia do evangelista: estavam contagiados, todos os Doze, com o vírus da busca do poder. É aí que, depois de contrapor a maneira de os “chefes das nações” exercerem o poder, à sua proposta do poder-serviço, Jesus afirma que o Filho do Homem “*não veio para ser servido*” (v.45)... É conhecida a imensa bibliografia a respeito desta expressão – “Filho do Homem” – nos textos evangélicos sempre com artigo definido: *ho huiós tou anthrôpou*, “o” Filho do Homem, não “um como filho de homem” como no texto originário de Dn 7,13, e que Jesus emprega inúmeras vezes referindo-se a si mesmo.

Cito novamente Soares:

Nos blocos das tradições das comunidades cristãs, originadas do judaísmo, sobre o “discurso escatológico” e sobre a “Paixão” (Mc 13,26; 14,62; Mt 24,30. 26,46), a expressão “o Filho do Homem” é interpretada conforme a única referência de Dn 7,13. Pode-se ver aí uma interpretação induzida pela opção preferencial pelo poder, agora na forma celestial, porém, que passa a ser modelo para a prática terrena⁹. Contudo, Jesus,

⁷ “estaria falando”? Como não está, se ele acaba de fazer a “terceira predição da paixão” (Mc 10, 32-34)?

⁸ SOARES, *ibid.*, pp. 334-335.

⁹ É o que observamos, p. ex., nos ícones do Cristo Pantocrátor, como também nas representações modernas do Cristo Rei, cuja festa litúrgica foi instituída por Pio XI



o Filho do Homem, humildemente vem com o serviço, no seu batismo da justiça e com o cálice da comunhão fraterna¹⁰, libertar os humilhados e oprimidos, promovendo a alegria¹¹.

Em resumo – continua Soares – podemos destacar três aspectos nesta perícope e na anterior, com ela articulada: 1. O tema messiânico: o pedido dos discípulos manifesta que, primeiramente, eles viam Jesus como o Messias glorioso e, assim sendo, externam sua ambição de participar e usufruir de seu poder: É a compreensão messiânica de poder e glória para Israel, conforme a tradição que tem a sua origem em Davi e no império que ele, conforme essa mesma tradição, implantou. 2. A caracterização do poder: na resposta de Jesus fica em evidência o uso habitual do poder como instrumento de dominação e tirania. 3. A proposta do serviço como caminho de libertação: o próprio Jesus se apresenta como testemunha de uma vida de serviço consagrado ao resgate da multidão (cf Is 53,10-12) de humilhados e oprimidos¹².

Assim, de maneira convincente – pelo menos para o leitor, agora, embora não, então, para os discípulos – fica descartado o caráter messiânico davídico da missão de Jesus. De fato, os discípulos, mesmo na última hora, segundo Lucas, tiveram a desfaçatez de perguntar ao Mestre, ainda poucos instantes antes da Ascensão: “*É agora, Senhor, que vais restabelecer o Reino para Israel?*” (At 1,6)

2 No contexto de Mateus

Quanto ao contexto mateano, vou apoiar-me em Gallazzi¹³, que dedica quatro páginas do seu comentário¹⁴ ao estudo de toda a perícope de Mt 20,17-28 (que começa com a terceira predição da Paixão), intitulando-a “*Não sabeis o que pedis*”¹⁵. Gallazzi começa advertindo:

A metáfora dos primeiros e dos últimos não deve ser [...] entendida na lógica retribucionista do prêmio e do castigo. Dizer que “o último

em 1925.

¹⁰ Segundo a argumentação feita nas pp. 331-334.

¹¹ SOARES, *ibid.*, pp. 336-337.

¹² SOARES, *ibid.*, p. 337.

¹³ GALLAZZI, Sandro. *O Evangelho de Mateus: Uma leitura a partir dos pequeninhos*. São Paulo: Fonte Editorial/Santuário, 2013.

¹⁴ Fiz uma recensão deste excelente comentário de Mateus, notável pela “militância” de suas observações. A recensão será publicada em “Estudos Bíblicos”, de Vozes.

¹⁵ GALLAZZI, *ibid.*, p. 403.



será o primeiro” pode ainda gerar equívocos hierárquicos materiais e/ou espirituais. Dizer, porém, que “o primeiro será o escravo”, não deixa mais dúvidas. Critério interpretativo são as próprias escolhas do Filho do Homem que marcam o começo e o fim do episódio e nos dão a chave de leitura que, finalmente, deveria ser capaz de dirimir todas as questões internas à nossa ekklesía, às nossas comunidades. Mesmo assim, conseguiram inverter a mensagem evangélica. Jesus falou que só o servo e o escravo poderão ser os grandes e os primeiros. Muitos comentários, porém, afirmam que quem é “grande e primeiro” deve servir: o serviço do poder!¹⁶

A esta opinião do comentarista faço uma ressalva, a meu ver importante. Apesar de todo o perigo das tentações que rondam o poder, não há grupo humano, “comunidade” alguma, que se sustente sem uma liderança, chame-se ela de “chefe”, presidente (ou “presidenta”!), bispo, pároco, “coordenador” etc. Justamente porque também Jesus sabia disso, ele não rejeita que haja “primeiros”, “coordenadores”, ou “chefes”. O modo, porém, de exercerem essa primazia, coordenação, ou chefia, é que deve ser diferente dos que abusam ou se servem do poder que têm. Por isso, a advertência, que encontramos nos três sinóticos: *Entre vós não deverá ser assim*¹⁷.

Mas retomemos a argumentação de Gallazzi:

*Para a ekklesía, agora, só há um caminho a percorrer: o caminho até Jerusalém, a capital, o lugar dos “primeiros”, o lugar do poder: do templo, do armazém, do palácio, do quartel. Um poder que vai ter que ser enfrentado, confrontado. [...] Mateus agora denuncia a dimensão política do sistema de poder e chama os Doze, o povo do Senhor, a ser alternativa, a fazer a diferença: Entre vós não deverá ser assim! Os que, em Jerusalém, eram considerados “primeiros” – os sumos sacerdotes e escribas – condenarão à morte o Filho do Homem e o entregarão às nações, aos romanos, que têm o poder de crucificá-lo, depois de zombar dele e açoiá-lo. O poder político dos romanos, o poder religioso dos sumos sacerdotes, o poder ideológico dos escribas, unem-se para matar o Filho do Homem, desafiando o poder de Deus*¹⁸.

Continua Gallazzi:

¹⁶ Id., *ibid.*, p. 404.

¹⁷ Mt 20,26; Mc 10,43; Lc 22,26.

¹⁸ GALLAZZI, *ibid.*, p. 405.



É a terceira vez que Jesus anuncia sua condenação à morte e proclama a vitória final do poder divino. Nas três vezes provocou reações interessantes: na primeira vez, Pedro tentou desviá-lo do caminho (Mt 16,22); na segunda, os discípulos foram tomados de grande tristeza (Mt 17,23). Nas duas primeiras vezes, o anúncio da morte dominou os pensamentos dos discípulos. Agora, aos poucos, parece fazer-se presente o anúncio da vitória final do Filho do Homem: Depois de três dias, ele ressuscitará (lit. “será reerguido”). Ele terá o triunfo: em Jerusalém, Jesus vai sofrer; mas vai vencer. É nisso que deve estar pensando a mãe de João e Tiago, os filhos de Zebedeu. Ela espera que Jesus, em Jerusalém, instaure o seu Reino¹⁹... e faz o seu pedido, em nome dos dois.

Acontece, porém, que, como observa ainda Gallazzi,

a alternativa não consiste em o “último” tomar o poder do “primeiro”. A alternativa é que nunca mais haja últimos e primeiros, não haja mais lugares de privilégio a serem ocupados. Para isso é preciso beber do cálice: “não para chegar ao poder, mas sim para que não haja mais poder”... No entanto, “as ‘nações’ continuam no horizonte do povo de Deus, como antigamente (cf 1Sm 8,5: o pedido de um rei “como o têm todas as nações”), como sempre. Desde aquele momento, quando Israel caiu no seu pecado original, ser como as nações será sempre a verdadeira tentação, a mais perigosa e a mais difícil de ser superada. É a tentação à qual costumam sucumbir nossas Igrejas todas²⁰.

Continuo citando Gallazzi:

Jesus tem uma perspectiva de organização política completamente alternativa à das nações. Nela não há lugar para “maiores” ou para “primeiros”. Se alguém quiser ser tal, precisa abandonar esse projeto e começar a servir, começar a ser o escravo de todos. Se o servo é o maior e se o escravo é o primeiro, então não há “primeiros” e “maiores”. Só há iguais. Descobrimos assim que o “Reino dos céus”²¹ pertence às crianças, pertence aos eunucos pelo Reino, pertence aos pobres. Agora sabemos que o Reino é dos “últimos”, é dos servos, dos que se fazem escravos e dão a vida pela liberdade dos outros. Dar a vida em resgate por muitos. Mateus, mais uma vez, traz para nossa memória uma das páginas mais ricas do Primeiro Testamento, o primeiro evangelho do Servo de YHWH (cf Is 53,10-11). Esta é a cartilha que norteia Jesus no

¹⁹ Id., *ibid.*, ainda p. 405.

²⁰ Id., *ibid.*, pp. 406-407.

²¹ Expressão mateana, como se sabe, equivalente a “Reino de Deus”, que é a expressão usada por Marcos e por Lucas.



seu caminho para Jerusalém. Ele vai ser o “primeiro” a dar a vida pela liberdade de muitos²².

Poderíamos, claro, confrontar estes comentários com os de outros comentaristas. Como, porém, este artigo não pretende ser exaustivo, e como as observações de Gallazzi me parecem suficientes, pela sua originalidade e mordência, restrinjo-me a ele. A ressalva que faço, e já a fiz acima, é que essa utopia de uma comunidade sem ‘primeiros’ nem ‘últimos’ não é realista. Com todo o perigo do contágio do vírus do poder, não há comunidade sem organização, sem encargos de serviço, sem liderança. Nem a comunidade dos discípulos, cujo “mestre” indiscutível é Jesus, nem a comunidade do Discípulo Amado, cujo “animador” é o “Presbítero”²³, nem... a própria Trindade Santa, em cuja pericorese o Pai é o Princípio não originado, precedendo por isso – logicamente – ao Filho e ao Espírito, embora os Três sejam iguais na divindade. É por isso que o Senhor diz expressamente: “*Se alguém quiser ser o primeiro* – e aí do grupo humano em que ninguém queira assumir a liderança! – *que seja o vosso servo*”²⁴.

3 No contexto de Lucas

Começo transcrevendo a nota da Bíblia de Jerusalém ao texto de Lc 22,24-27:

Lucas transpõe para o contexto da Ceia, aliás sob forma bastante diferente, as palavras que Mateus e Marcos situam após a pergunta (da mãe) dos filhos de Zebedeu (Mt 20,25-28 e Mc 10,42-45). Neste contexto, esses ensinamentos de Jesus esclarecem as questões acerca da precedência e do serviço às mesas, que certamente ocorriam nas primitivas assembleias litúrgicas (cf At 6,1; 1Cor 11,17-19; Tg 2,2-4).

Quanto a esta observação da BJ, tomando-a literalmente, não concordo com a afirmação de que “esses ensinamentos de Jesus” apenas

²² GALLAZZI, *ibid.*, p. 407.

²³ Veja-se a reivindicação da sua autoridade, na 3ª carta, contra a pretensão de Diótrefes: 3Jo 9-10.

²⁴ Em gr. *doûlos*, traduzido literalmente como “escravo”, mas podendo ser entendido como “servo”. Veja-se a resposta de Maria ao anjo: *Eis aqui a serva do Senhor* (em gr. *doûlé*), em Lc 1,38.



“esclareçam questões acerca da precedência e do serviço às mesas...”. O contexto diz isso, sim, mas muito mais. E o ensinamento praticamente coincide com o que vimos acima em Marcos e em Mateus. O momento é solene. Jesus acabara de dizer, no início da refeição: “*Desejei ardentemente comer convosco esta ceia pascal²⁵, antes de padecer*” (Lc 22,15). Anunciara que um dos presentes o trairia. Nesse momento, depois de pequeno alvoroço por causa da inesperada revelação, os discípulos voltam à questão que mais vezes haviam levantado: “*quem deles devia ser considerado o maior*” (22,24).

É aí que Jesus pacientemente os adverte sobre o vírus do poder que transforma em tiranos os reis das nações, e, como vimos em Marcos e em Mateus, embora na formulação própria de Lucas, ensina: “*Entre vós não deve ser assim. Pelo contrário, o maior entre vós seja como o mais novo²⁶, e o que manda, como aquele que está servindo*”. A seguir, justifica o ensinamento com a sua própria maneira de exercer o poder: “*Afinal, quem é o maior: o que está à mesa ou aquele que está servindo? Eu, porém, estou no meio de vós como aquele que está servindo*” (22,26-27). Aí encontramos uma verdadeira “reversão de valores”, como observa Champlin²⁷:

No mundo antigo, onde os servos ou escravos não tinham vida nem vontade próprias, e eram desprezados e lamentados, o conceito de que “servir é maior do que governar” foi um conceito revolucionário.

E continua revolucionário na prática, tendo nós, ainda hoje, na própria Igreja, tanta dificuldade de aceitá-lo e, mais ainda, de vivê-lo. Que o diga o papa Francisco, nas frequentes advertências aos seus colaboradores da Cúria Romana²⁸.

²⁵ “Ceia pascal”: em gr., literalmente, “Páscoa”. SCHÖCKEL, na Bíblia do Peregrino, traduz: “vítima pascal”. Na 1Cor 5,7, Paulo identifica Cristo com o próprio Cordeiro pascal: “*Cristo, a nossa Páscoa – isto é, o nosso Cordeiro pascal – foi imolado*”.

²⁶ “O mais novo”, lit. “o mais jovem”; alguns mss: “o menor”. Em geral, ao servo “mais novo”, ou “mais jovem”, reservavam-se as tarefas mais humilhantes e pesadas.

²⁷ CHAMPLIN, Russell Norman. *O Novo Testamento interpretado versículo por versículo*. São Paulo: Milenium Distrib., 1982, vol. II, p. 213.

²⁸ Sirva de exemplo a lista de 15 pontos do “exame de consciência” que Francisco propôs aos Cardeais e membros da Cúria na recente saudação de Natal (!), em 22-12-2014.



Mas voltemos ao texto de Lucas, aproveitando o comentário instigante de Rinaldo Fabris²⁹. Desenvolvendo a sugestão da BJ, mencionada acima, Fabris diz que

no contexto de Lucas, o interesse se desloca para um problema mais preciso: como devem comportar-se os chefes da comunidade cristã, em particular qual a sua função e tarefa nas refeições comunitárias e na ceia eucarística. No livro dos Atos, Lucas nos informa que justamente por ocasião da ajuda aos pobres e necessitados na comunidade surgiam discussões e conflitos (cf At 6,1-6; 1Cor 11,18). A resposta a este problema é dada numa palavra de Jesus motivada pelo seu modo de agir. Os chefes da comunidade cristã devem desenvolver seu papel de maneira “diferente”, alternativa, em comparação com o exercício do poder pelos chefes políticos. Estes se servem do poder para dominar os súditos [...]. E eram tão descarados, os déspotas orientais helenísticos, que se autoproclamavam “benfeitores”³⁰, mesmo tendo escorchado o povo com impostos predatórios. Jesus não fala de “serviço” apenas como justificação ideológica ou moral na autoridade dos chefes cristãos, mas de concretamente tomar o lugar dos que desempenham o serviço das mesas ou assistem aos pobres. Dessa maneira, lembra-se aos chefes da comunidade o dever de tomar a peito o acolhimento e a ajuda dos últimos (cf Lc 14,7-14). Presidir a eucaristia e a comunidade quer dizer na prática servir: preparar a mesa, acolher, assistir, ajudar os pobres, que são os convidados e hóspedes de honra³¹.

No contexto de Lucas, na última Ceia, o exemplo de Jesus implica o serviço levado à sua forma extrema: *dar a vida*. A forma extrema não dispensa, porém, do serviço concreto, aparentemente prosaico, no dia a dia.

4 No contexto de João

Como Lucas, João situa na última Ceia as palavras de Jesus sobre o serviço. O contexto próximo, porém, é diferente. Se em Lucas o ensinamento vem pacientemente abortar a discussão dos discípulos sobre “quem seria o maior”, em João esse ensinamento vem logo após o gesto simbólico do lava-pés (Jo 13,4-11). Quanto ao significado desse gesto,

²⁹ FABRIS, Rinaldo; MAGGIONI, Bruno. *Os Evangelhos*. Volume II, col. Bíblica Loyola. São Paulo: Ed. Loyola, 1995.

³⁰ Em gr. *euergétai*, no sing. *euergêtês*, título de vários soberanos helenistas do Egito e da Síria.

³¹ FABRIS, *ibid.*, p. 221.



considero relevante a distinção que propõe Konings³² entre a sua dimensão “soteriológica” e sua dimensão “ética”³³. Isto porque, normalmente, se ressalta a dimensão “ética”, proposta pelo próprio Jesus após o gesto: devemos fazer como Ele fez, agir como Ele agiu, “lavando os pés uns dos outros”. Mas não menos importante, embora mais difícil de entender e assimilar, é a dimensão “soteriológica”, expressa na insistência de Jesus em lavar os pés de Pedro: “*Se eu não te lavar, não terás parte comigo!*” (v.8). Isto é, se quiser “ter parte com Jesus”, Pedro tem de aceitar que Jesus assuma a condição de servo, que Jesus se abaixe, se rebaixe, “se esvazie”, como dirá Paulo no hino de Fl 2,7. Esclarecendo mais: Pedro tem de aceitar que Jesus o salve pelo seu rebaixamento, aceitar que Jesus o salve como o Servo sofredor, não como Messias davídico. É a mesma exigência que Marcos e Mateus situam por ocasião da profissão de fé de Pedro, em Cesareia de Filipe, seguida da sua repreensão por Jesus, quando ele não aceita o primeiro anúncio da Paixão (Mc 8,27-30.31-33; Mt 16,13-20.21-23). Eis, pois, o sentido “soteriológico” do lava-pés.

O sentido “ético”, ou “prático”, é o que é explicado pelo próprio Jesus, logo depois de lavar os pés dos discípulos. Tendo revestido o manto e voltando ao seu lugar, Ele falou:

Sabeis o que vos fiz? Vós me chamais de Mestre e Senhor; e dizeis bem, pois eu sou. Se, pois, lavei vossos pés, eu, o Senhor e Mestre, também vós deveis lavar os pés uns dos outros. Dei-vos o exemplo, para que, como eu fiz para vós, assim também vós façais (13,12b-15).

No ambiente rabínico, em que só os “mestres da Lei” eram mestres, Jesus aceita que o chamem de “Mestre”. E na Judeia ocupada, que tinha de reconhecer como único “senhor” o Imperador de Roma, Jesus aceita que o chamem de “Senhor”. É, pois, revestido dessa dignidade magisterial e senhorial, que Ele executa o serviço do escravo. Por isso mesmo, tanto mais os seus discípulos não deverão recusar-se a prestar esse mesmo serviço.

³² KONINGS, Johan, *Evangelho segundo João. Amor e Fidelidade*. São Paulo, Ed. Loyola, 2005, 404 p. Esse mesmo livro saiu em nova edição também em São Paulo, pela Fonte Editorial/Santuário, como parte do Comentário Bíblico Latinoamericano. A primeira edição, menor, data de 1975, publicada em Petrópolis, pela Vozes, 92 p., com o título *Encontro com o quarto Evangelho*.

³³ Ou “exemplar”, como diz a edição de 2005, p. 259.



A liturgia da Ceia do Senhor repete anualmente, de forma ritual, esse gesto. Tantas vezes, o que preside a celebração lava os pés de doze jovens, caracterizados como os doze apóstolos; outras vezes são pessoas da comunidade, carentes ou não, que fazem esse papel. A mídia deu realce às celebrações do lava-pés do papa Francisco, que escandalizou certos setores ritualistas por lavar e beijar os pés de uma muçulmana... Entretanto, por maior valor simbólico que tenha esse gesto ritual, repetido cada ano, ele de nada valerá se for só o rito, isto é, se não corresponder à atitude constante de serviço, concreto e não excludente, aos “pés” dos membros mais necessitados da comunidade. O rito, como tal, não é difícil e é até comovente. Tenho a experiência de tê-lo realizado vários anos, na capela do presídio masculino de Florianópolis³⁴. Nem por isso me considero melhor cumpridor do mandato de Jesus do que aqueles que não o realizam. Em todo caso, ninguém pode escusar-se com o pretexto de não ter entendido o ensinamento, tão claro, do Mestre e Senhor Jesus.

Aliás, quanto á “prática”, é interessante notar como a perícopé, depois da afirmação solene sobre o servo, que *não é maior do que o seu senhor*, e sobre o enviado, que *não é maior do que aquele que o enviou*, termina com a primeira das duas bem-aventuranças que encontramos no quarto evangelho. A segunda é a que Jesus proclama diante de Tomé, e que nós podemos chamar de “bem-aventurança da fé”: “*Tu crês, Tomé, porque me viste. Bem-aventurados os que não viram e creram*” (Jo 20,29). E a primeira, esta que conclui o relato do lava-pés, é a que podemos chamar de “bem-aventurança da prática”: “*Já que sabeis destas coisas*³⁵, *sois bem-aventurados se as puserdes em prática*”(Jo 13,17). Cito Konings:

*Se os discípulos tiverem consciência disso e agirem de acordo com essa consciência, serão “felizes”. Não no sentido de mera satisfação psicológica, mas no sentido profundo de uma “bem-aventurança”, declaração de salvação da parte de Deus. A participação com Cristo, ponto de partida de toda esta cena exemplar (13,8), plenifica-se na imitação do seu exemplo, inspirada no reconhecimento de sua autoadoação*³⁶.

³⁴ Isso, naqueles tempos (1974-1985) em que as precauções de segurança não o impediam...

³⁵ Mais literalmente, como na Bíblia “Almeida Século XXI”: “*Se de fato sabeis estas coisas...*”.

³⁶ KONINGS, J., op. cit., p. 260.



Conclusão

Creio que, embora atendo-se ao essencial, o artigo oferece amplas pistas de aprofundamento do lema da CF 2015: “*Eu vim para servir*”. Possa esse aprofundamento levar-nos a uma compreensão melhor e a uma prática mais coerente com a proposta de serviço que o Senhor fez a seus discípulos de então e faz a nós, nestes turbulentos inícios do terceiro milênio cristão. A propósito, nos três graus do sacramento da Ordem, o “inferior” (!) é o dos Diáconos, ordenados “*não para o sacerdócio mas para o ministério*”, isto é, explicitamente, para o serviço³⁷. Essa “inferioridade”, porém, é o que faz a sua grandeza, a sua mística própria, na linha de tudo o que foi exposto acima, pelo fato de que ele é ordenado *para o serviço*. E por isso mesmo ele é, deve ser, em cada Igreja particular, o “ícone vivo do Cristo Servo”. Não só ele, porém. A palavra de Cristo – *Eu vim para servir* – é dirigida a todos. A todos nós.

Endereço do Autor:

Rua Dep. Antonio Edu Vieira, 1690
88040-001 FLORIANÓPOLIS, SC
E-mail: ney.brasil@itesc.org.br

³⁷ No “*festschrift*” oferecido pela FACASC/ ITESC ao Pe. Dr. Valter Maurício Goedert, por ocasião dos seus 70 anos – FELLER, Vitor Galdino (org.), *A nobre simplicidade da Liturgia*. Florianópolis: FACASC, 2014 – contribuí com um artigo exatamente sobre esse tema, sob o título “Não para o sacerdócio mas para o ministério”, e o subtítulo “A fórmula restritiva (?) da ordenação diaconal”. Cf op. cit., pp. 239-251.